

VARIAÇÃO ESCRITA: A EPÊNTESE NA ESCRITA INFANTIL

André Pedro da Silva (UFRPE)

pedroufjb@gmail.com

Introdução

A epêntese pode ser definida como um fenômeno de acréscimo/inserção de uma vogal ou de uma consoante em uma sílaba, não representada na escrita. Podendo ser classificada em consonantal e/ou vocálica a partir dos segmentos inseridos nas palavras (MENDONÇA, 2003, p. 32; REDMER, 2007, p. 14). Este fenômeno é classificado como um metaplasmo por aumento, tomando este metaplasmo como sendo as modificações fonéticas sofridas pelas palavras durante sua evolução (Cf. COUTINHO, 2005).

De acordo com Cagliari (1998, p. 75), a epêntese vocálica tem como objetivo principal corrigir uma estrutura silábica mal formada, fazendo com que certas consoantes que ocupavam a posição de coda passem-na para a posição de onset, dando um núcleo vocálico a uma sílaba que não o tem ou formando ditongos.

Alguns autores assumem essa postura como discutível, pois a palavra “corrigir” remete a existência de “erros” na língua em questão. Já Câmara Jr. (2007, p. 58) afirma que o português, como praticamente todas as línguas, apresenta a vogal como centro silábico.

Um dos problemas para a fixação das estruturas silábicas portuguesas se refere aos vocábulos de origem erudita, como compacto, apto, ritmo, afta. Para essas palavras, admite-se uma vogal para a formação de uma nova sílaba no Português Brasileiro (doravante PB) ou essa posição pode permanecer neutra como no Português de Portugal (a partir de agora PP).

Para a Sociolinguística, algumas dessas variações, que acometem a fala, podem ser transpostas para a escrita e toleradas até certo período, como partes do processo de aquisição da linguagem escrita. Segundo Stubbs (2002, p. 136), quando as crianças adquirem competência em língua escrita, elas não fazem uma simples transcrição da fala para a escrita, mas sim uma série de transições relacionadas e que não ocorreram ao mesmo tempo. Dentre as possíveis transições citadas pelo autor estão as do não padrão para o padrão e do informal para o formal.

A aprendizagem da escrita é, portanto, processual, no início da escolarização a criança embasa-se na relação fala/escrita e tende a escrever como fala, pois aprende que nosso sistema é alfabético e que escrevemos uma letra para cada som falado, no entanto, essa escrita como transcrição fonética não é real considerando que existe uma normatização ortográfica e a arbitrariedade presente na representação gráfica das palavras (Cf. BRITO, 2007, p. 4).

Este trabalho tem por finalidade discutir o processo de aprendizagem da escrita de alunos a partir de sua oralidade e de seu cotidiano, tomando por base a relação escrita vs oralidade, no contexto escolar e de aprendizagem. Para tanto, se buscou verificar a ocorrência de *epêntese vocálica* nas séries do ensino fundamental menor, no intuito de detectar os fatores sociais e linguísticos responsáveis pelo processo de epêntese vocálica na escrita destes alunos; bem como observar se este processo diminui com o avançar das séries.

Para tal, analisaremos os dados à luz dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, atentando para a teoria de fala e escrita, bem como a de letramento (cf. FARACO, 2012; MARCUSCHI, 2005; MASSINI-CAGLIARI & CAGLIARI, 2008; MOLLICA, 2011; MORAIS, 2003 e 2007).

Nosso intuito maior é verificar “os porquês desta variação” levando em consideração aspectos sociolinguísticos, para reforçarmos que é importante sim o ensinamento da Língua Padrão, e que com o avançar das séries a criança deve ter maior domínio sobre ela para ser inserido de forma competente na sociedade, porém se faz indispensável levar em consideração a existência das variantes linguísticas e seu entendimento para desenvolver ações pedagógicas facilitando a relação de ensino aprendizagem de forma mais eficaz.

1. Entendendo as teorias

Aqui, dividiu-se o aporte teórico em dois momentos: o primeiro referente ao fenômeno da epêntese vocálica; e o segundo, à sociolinguística variacionista. Embora separados os subcapítulos, ambos têm o mesmo objetivo: apresentar definições e descrições acerca dos temas propostos.

1.1 Epêntese Vocálica

Para haja um melhor entendimento desse assunto será colocado a seguir algumas das principais definições sobre este fenômeno fonético-fonológico tão frequente, embora terminologia não seja tão usual.

A epêntese vocálica pode ser definida como um fenômeno de acréscimo/inserção de uma vogal ou de uma consoante em uma sílaba, não representada na escrita. Podendo ser classificada em consonantal e/ou vocálica a partir dos segmentos inseridos nas palavras (MENDONÇA, 2003, p. 32; REDMER, 2007, p. 14).

A epêntese, para Coutinho (2005), é definida como sendo o acréscimo de um fonema no interior da palavra, classificado como um metaplasmo por aumento, tomando o metaplasmo como sendo as modificações fonéticas sofridas pelas palavras durante sua evolução.

Este mesmo autor apresenta dois outros tipos de epêntese: a *anaptixe* ou *suarabácti*, que é considerada uma epêntese especial por consistir em desfazer um grupo consonantal pela intercalação de uma vogal; e a *paragogi* ou *epítepe*, que é a adição de um fonema no fim do vocábulo.

De acordo com Cagliari (1998, p. 75), a epêntese vocálica tem como objetivo principal corrigir uma estrutura silábica mal formada, fazendo com que certas consoantes que ocupavam a posição de *coda* passem-na para a posição de *onset*, dando um núcleo vocálico a uma sílaba que não o tem ou formando ditongos. Alguns autores assumem essa postura como discutível, pois a palavra “corrigir” remete a existência de “erros” na língua em questão.

A epêntese vocálica é vista também como colaboradora para uma maior estabilidade dos intervalos consonânticos e vocálicos (FROTA, VIGÁRIO, 2000, p. 09).

Já Câmara Jr. (2007, p. 58) afirma que o português, como praticamente todas as línguas, apresenta a vogal como centro silábico. Um dos problemas para a fixação das estruturas silábicas portuguesas se refere aos vocábulos de origem *erudita*, como *compacto*, *apto*, *ritmo*, *afta*. Para essas palavras, admite-se uma vogal para a formação de uma nova sílaba (Português Brasileiro, doravante PB) ou essa posição pode permanecer neutra (Português de Portugal, a partir de agora PP).

A estrutura silábica do PB é apoiada na vogal, sendo inexistente sílaba sem vogal. No entanto, de acordo com as normas gramaticais, pode haver a ocorrência de *letras mudas*. É exatamente nesses casos que pode ser verificada a tendência natural, da nossa língua, de rejeição a esse tipo de estrutura, pois essas *letras mudas* (sempre consoantes) passam a soar, gerando uma nova sílaba, sustentadas pelo apoio vocálico a essa *letra muda*. Fenômeno esse caracterizador da epêntese vocálica.

Collischonn (2004, p. 61) afirma que esse tipo de epêntese, para palavras como fixo ['fikiso], admiro [adi'miro] e digno ['digeno] é específica da variedade brasileira do português, pois no PP não há introdução de vogal epentética para desfazer sequências como as que foram listadas acima, conforme afirmou Câmara Jr. (2007, p. 58).

Outros estudiosos tem se dedicado ao estudo da epêntese sob outras perspectivas. Parlato-Oliveira (2007, p. 152) refere-se, em seus estudos, a existência da epêntese perceptual, descrito por essa autora como sendo um fenômeno versado sobre os aspectos presentes na produção fonética e que exerce um efeito ilusório sobre a percepção do interlocutor.

Há ainda estudos existentes acerca da epêntese vocálica e sua realização na interlíngua a partir da observação deste fenômeno durante a aquisição de uma segunda língua, sendo a língua-mãe destes o PB.

Alves (2009) analisou o fenômeno epentético na interlíngua inglês-português, a partir da ocorrência da epêntese vocálica nas plosivas finais em palavras em inglês, considerando um falante pleno do sistema do inglês apenas o indivíduo que apresentasse 0% de epêntese na situação observada.

Já Fernandes (1998) descreveu e analisou a ocorrência da epêntese vocálica na interfonologia português/inglês, em alunos brasileiros aprendizes de inglês como língua estrangeira. A partir desse estudo ficou evidenciado que o emprego da epêntese na interlíngua é um fenômeno variável, basicamente condicionado por fatores linguísticos, sendo nesse estudo o molde silábico o fator determinante para a aplicação da regra de epêntese.

A partir dessa inserção no contexto teórico sobre a epêntese vocálica pode-se contemplar a sua abrangência e complexidade, para que assim haja um entendimento mais claro e coerente à medida que as considerações a seguir forem apresentadas.

1.2 Sociolinguística Variacionista

A linguagem humana compreende dois aspectos fundamentais: a língua e a fala. O primeiro é um produto social compartilhado pela totalidade dos membros de uma comunidade linguística. A fala por sua vez é um ato individual e que representa a realização concreta da língua num dado momento e lugar determinado (SAUSSURE, 1995).

A partir da primeira descrição de língua como o produto social, publicada a partir dos estudos de Saussure pressupõe-se a ideia errônea de que esse conhecimento já vem sendo descrito desde os primórdios dos estudos linguísticos. No entanto, a escolha de Saussure por estudar a *langue* (o sistema em si) e não a *parole* (o ato da fala), produz um distanciamento entre linguagem e sociedade, inclinando seus estudos aos fatos estruturais que organizam o sistema linguístico sem considerar os fatores sociais.

Meillet, discípulo de Saussure, afastou-se das ideias deste por tentar abranger em seus estudos a língua, simultaneamente, como um fato social e como um sistema tudo contém, o que o tornou de alguma forma como um precursor do que é conhecido como Sociolinguística.

A partir da consideração do caráter social da linguagem, a sociolinguística surgiu como uma área capaz de estudar a linguagem em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística (CEZARIO & VOTRE, 2008, p. 141).

O objetivo da Sociolinguística é então sistematizar a variação existente na linguagem considerando a língua como um sistema heterogêneo e dinâmico, devendo as regras que regem a língua abranger a variação das formas (ORLANDI, 2009, p. 49).

Com os avanços teóricos dos últimos anos, principalmente na década de sessenta, surgiu a Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa, embasada nas propostas de Weinreich, Labov e Herzog, que tinha por objetivo descrever a língua, relacionada aos determinantes sociais e linguísticos, considerando as variações de seus usos (Cf. HORA, 2004, p. 17-18).

Nos preceitos da Teoria da Variação enfatiza-se a variabilidade, há uma busca pela explicação das mudanças linguísticas em função de fatores linguísticos e sociais a partir do levantamento cuidadoso de registro da língua, descrição das variáveis, perfil das variantes, análise dos fatores condicionantes, encaixamento da variável nos sistemas linguístico e social, e, avaliação da variável para confirmação dos casos de variação ou mudança.

A partir da concepção de variação como pertencente ao sistema linguístico, há uma mudança de perspectiva do que deveria ser considerado como “erro”, no contexto linguístico, não existindo mais tal conceito, do ponto de vista exclusivamente científico. O que podem haver, então, são variações, que não podem ser consideradas um “acidente de percurso”, mas sim constitutivas da natureza da língua (Cf. BAGNO, 2002, p. 71-72).

Algumas dessas variações, que acometem a fala, podem ser transpostas para a escrita e toleradas até certo período, como partes do processo de aquisição da linguagem escrita. Segundo Stubbs (2002, p. 136), quando as crianças adquirem competência em língua escrita elas não fazem uma simples transcrição da fala para a escrita, mas sim uma série de transições relacionadas e que não ocorreram ao mesmo tempo, dentre as possíveis transições citadas pelo autor estão as do não padrão para o padrão e do informal para o formal.

A aprendizagem da escrita é, portanto, processual, no início da escolarização a criança embasa-se na relação fala/escrita e tende a escrever como fala, pois aprende que nosso sistema é alfabético e que escrevemos uma letra para cada som falado, no entanto, essa escrita como transcrição fonética não é real considerando que existe uma normatização ortográfica e a arbitrariedade presente na representação gráfica das palavras (Cf. BRITO, 2007, p. 4).

2. Metodologia

Para realizar a realização deste trabalho, foram tomados por base o método de abordagem hipotético-dedutivo e os seguintes métodos de procedimento: a) o estatístico, para a realização da análise quantitativa, e b) o comparativo, para estabelecer semelhanças e/ou diferenças entre a fala e a escrita.

Durante a pesquisa, foram analisados treinos ortográficos produzidos por alunos de 1º, 3º e 5º Ano do Ensino Fundamental no intuito de testar a hipótese norteadora desta pesquisa: nas séries iniciais, os dados de escrita estão mais próximos da fala e na medida em que se dá o letramento, com o aumento da escolarização, tende a se afastar desta (cf. MORAIS, 2003 e 2007; MASSINI-CAGLIARI & CAGLIARI, 2008; MARCUSCHI, 2005; FARACO, 2012).

A população da pesquisa foi composta por alunos devidamente matriculados em uma escola pública do ensino regular, com turmas de ensino fundamental menor, no município de Recife-PE. A seleção da amostra foi realizada aleatoriamente contendo a mesma quantidade de sujeitos de ambos os sexos para a posterior comparação de dados.

Nesta pesquisa, foram analisados um total de 60 treinos ortográficos de frases e 60, de palavras. Para tanto, foi escolhida previamente a escola Nova Morada, situada na Várzea, onde houve o contato com a Coordenadora e professores de língua portuguesa,

onde recebemos deles a permissão para que os alunos produzissem os treinos ortográficos em questão.

O único critério de inclusão adotado foi a proximidade entre as faixas etárias por turma, a fim de evitar disparidade entre a caracterização dos sujeitos por turma e possibilitar uma maior fidedignidade dessa representação.

Os treinos ortográficos foram divididos em dois níveis de coletas, conforme dito anteriormente: *ditado de frases* e *ditado de palavras*. Assim testamos o momento de atenção: presente no treino de palavras, já que o aluno se preocupou apenas com a palavra em si; bem como o momento de espontaneidade: presente na produção do treino de frases, momento em que o informante se preocupa com todas as palavras, uma vez que estas estão contextualizadas. Dessa forma, foi possível estabelecer comparações entre estilos: cuidado e espontâneo.

Já os treinos ortográficos foram realizados com dois grupos de palavras: palavras reais (dadas) e palavras inventadas (novas), inseridas no contexto de frases e palavras soltas. O examinador lia cada frase, ditando a(s) palavra(s), pronunciando-as de forma corrente no dialeto padrão local. Os treinos ortográficos de palavras em um dia e o de frases no outro, para que a atividade não se tornasse muito cansativa e interferisse no desempenho da criança, já que a falta de atenção pode favorecer erros de ortografia.

A utilização de palavras inventadas é uma forma de assegurar que a criança está usando as regras de contexto gerativamente, uma vez que estas palavras, embora possam ser escritas de acordo com as convenções ortográficas do português, nunca foram visualizadas pelas crianças.

3. Resultados e Discussão

Para análise final, selecionamos os dados dos ditados de palavras e frases do 3º e do 5º Ano, cada um com 14 e 16 crianças respectivamente, com igual número de sexo. Durante a pré análise dos dados, o grupo pertencente ao 1º ano do ensino fundamental, não demonstrou uma boa escrita e, com isto, a filtragem das palavras (sejam as padronizadas ou as variações) foram prejudicadas. Isto se deu devido ao fato de estes alunos ainda estarem em um estágio pré silábico, no qual eles usavam letras soltas, na busca da formação das palavras ótimas, embora as palavras por eles escritas/desenhadas não façam nenhum sentido.

Assim, os alunos não foram bem sucedidos na escrita das palavras propostas e, muitas vezes, escreveram palavras inexistentes no PB, impossibilitando a análise. E, devido a este motivo, não conseguimos filtrar um bom número de palavras para a nossa análise, sejam elas variações ou padrões, o que nos pareceu inviável trabalhar com este grupo de alunos.

Nos ditados utilizamos 15 palavras dadas e 15 palavras novas foi verificada a ocorrência ou não da variante linguística relacionando-a em quatro aspectos:

- a. sexo (masculino e feminino);
- b. grau de escolaridade (1º, 3º e 5º Anos);
- c. grau de familiaridade com as palavras (palavras dadas e palavras novas); e
- d. monitoramento da escrita (ditado de palavras e ditado de frases).

A epêntese descrita nesta pesquisa é a que surge na fala do PB como necessidade e exigência da vogal para a formação de sílabas no português (a) e não como processo fonológico (b), conforme descrita por Redmer (2007, p. 99), em que crianças na fase de aquisição de linguagem utilizam a epêntese como forma de evitar estruturas sintáticas complexas, como CCV e CVC.

- a. [ˈpnew] → [piˈnew]
b. [ˈplaka] → [paˈlaka]

De acordo com Collischonn (2004, p. 64), as palavras selecionadas para o ditado envolvem apenas aquelas formas em que não há representação ortográfica para a vogal epentética, como advogado, objeto. No entanto, foram excluídos os casos de consoantes finais (Varig, bug), pois segundo essa autora a frequência da epêntese vocálica nessa posição chega a ser categórica, o que pode chegar a influenciar nos resultados sobre a variação.

Por motivo semelhante, também não foram consideradas nesta análise casos como submarino, subdiretora, subdivisão, por existir a suspeita de que o prefixo atue como palavra fonológica independente e, nesse caso, a consoante perdida /b/ estaria em final de palavra, ou seja, o mesmo contexto dos casos excluídos pelas considerações do parágrafo acima (cf. COLLISCHONN, 2004; SCHENEIDER, SCHWINDT, 2010).

A contabilização dos dados foi efetuada a partir dos valores absolutos que foram transformados em médias aritméticas e posteriormente em valores percentuais. Esses dados também foram notificados e demonstrados por tabelas e gráficos a fim de facilitar a visualização e compreensão dos resultados encontrados.

A análise dos dados foi baseada na proposta da Sociolinguística Quantitativa, na qual o estudo da variante linguística deve ser quantificado e relacionado com as variáveis extralinguísticas. Ao fim desta análise, podemos obter o seguinte quadro:

Escolaridade	Sexo	Ditado de Palavras		Ditado de Frases	
		Dadas	Novas	Dadas	Novas
5º Ano	Masculino	81%	94%	86%	98%
5º Ano	Feminino	58%	95%	68%	94%
3º Ano	Masculino	93%	97%	84%	96%
3º Ano	Feminino	85%	99%	86%	99%

Quadro 1 – Panorama Geral do Processo de Epêntese.

Neste primeiro quadro, pode-se observar, em porcentagem, que há realmente uma queda no uso variável do fenômeno em estudo com o aumento da escolarização. É também perceptível que os informantes de sexo feminino tendem a usar menos a forma variável, confirmando a literatura de que o sexo masculino está/é mais próximo da variação.

Um outro ponto é que há um aumento significativo de uso do processo variacionista em palavras novas. Vejamos este processo em gráfico, para melhor compreendermos:

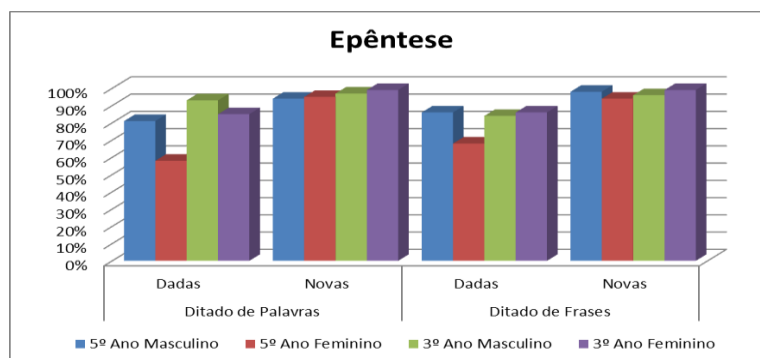


Gráfico 1 – Panorama geral do Processo de Epêntese

Como se pode ver, há uma maior predisposição a variação epentética nas *Palavras Novas*. Desta forma, comprovamos nossa hipótese que em um contexto de palavras novas há maior realização da Epêntese, já que a nossa língua tem padrão CV (consoante – vogal), e a necessidade de apoiar a consoante em uma vogal é quase que imediata. No gráfico 1, foi possível perceber que a variação nestas palavras novas quase atingem a totalidade das palavras, ou seja, os 100%. Isto nos leva a pensar também que: o conhecimento da palavra pode ocasionar a inserção ou não da vogal na sílaba. Ou seja, se o aluno já viu a palavra antes, este tenderá a escrevê-la padronizada. Já o seu desconhecimento, o levará a variação.

Por este motivo, não levaremos um tópico de explicação deste fenômeno tomando como base a relação variável *Palavras Novas* e *Palavras Dadas*, haja vista o processo ocorrer em quase totalidade dos dados referentes às palavras novas, por serem desconhecidas do nosso público alvo.

Para um melhor entendimento dos demais processos apresentados no quadro 1, passemos a uma análise de cada variável ali mencionada.

3.1 Variável Escolaridade

No quadro 1, foram dispostas as frequências da epêntese vocálica na escrita dos alunos das séries pesquisadas (3º e 5º ano) e sua distribuição em relação à variável sexo e forma de ditado.

Aqui, apresentaremos a ocorrência gráfica da epêntese vocálica de acordo com o grau de escolaridade, mas já enfatizando a diminuição gradativa da frequência do fenômeno, a partir do aumento da escolaridade. Durante o ditado de palavras, os informantes do 3º Ano apresentam um percentual de 88%, o qual cai para 68% ao atingirem o 5º ano, como podemos ver a seguir:

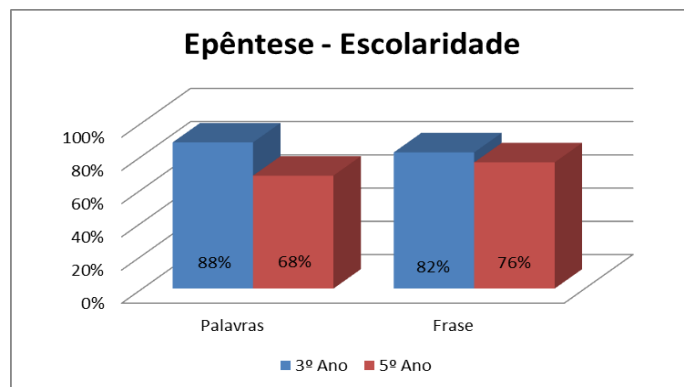


Gráfico 2 - Escolaridade

Em relação ao ditado de frases, ocorre o contrário: há um aumento do processo epentético. Acreditamos que isto tenha ocorrido devido à falta de atenção que cresce com o aumento da escolarização. Ou seja, quanto maior a escolaridade, maior a tendência à falta de atenção na aula, ocasionando um menor monitoramento da escrita destes alunos.

Assim, confirmamos a nossa hipótese primeira de que com o avançar das séries, a frequência de variação epentética na escrita diminui. Isto porque com o avançar da escolaridade, ocorre um maior contato com as palavras, possibilitando um enriquecimento lexical e desenvolvendo a cognição, devido a prática do letramento no cotidiano das crianças.

3.2 Variável Sexo

Como visto no quadro 1, a maior ocorrência da epêntese vocálica se dá com os informantes de sexo *masculino*. Olhemos agora por outro ângulo, através de um gráfico para melhor entendermos esta variável.

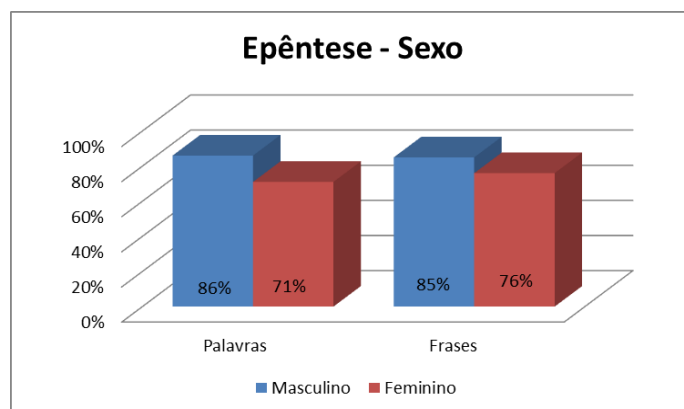


Gráfico 3 - Sexo

Como se pode perceber, durante o ditado de palavras, os alunos de sexo masculino realizaram 195 epênteses, um total de 86% das palavras, contra 71% do sexo feminino no mesmo tipo de ditado.

Um valor bem próximo ao ditado de palavras foi registrado pelos informantes do sexo masculino durante o ditado de frases. Ali se observou que o sexo masculino apresentou um valor de 85% de variação, ao passo que o sexo feminino, 76%.

Essa discrepância entre os sexos já vem sendo descrita na literatura, na qual é afirmada a tendência dos sujeitos do sexo feminino utilizarem a forma padrão, quando em relação aos sujeitos do sexo masculino, havendo diferenças referentes à forma, ao tema, ao conteúdo e ao uso da fala entre os sexos (HAAS, 1979, p. 616).

Labov (1990, p. 205) aponta dois princípios básicos na discussão da variável sexo: o primeiro afirma que o sexo masculino opta mais pela forma não padrão que as mulheres, em uma estratificação sociolinguística estável; já o segundo defende que o feminino é o principal responsável pela maioria dos processos de mudança linguística, a partir do uso de formas inovadoras.

No estudo desenvolvido por Collischonn (2003, p. 23) sobre a epêntese vocálica no português do sul do Brasil, não foi constatada diferença considerável entre os sexos, a partir das variáveis extralinguísticas. Mas vale lembrar que esta pesquisa fora baseada na fala (com dados do Banco VARSUL) e não na escrita, o que pode justificar a discrepância entre os resultados.

Uma coisa nos chamou a atenção tanto no sexo masculino, quanto no feminino: o uso da epêntese é usual em palavras menos conhecidas/utilizadas. Ou seja, palavras como “objeto” (com 4 variações femininas) e “subtrair” (com 3 variações masculinas e nenhuma feminina) sofreram menos o processo de variação devido ao seu uso maior, dentro do próprio ambiente escolar. A palavra “objeto” é bastante utilizada em atividades com gravuras e em Língua Portuguesa. Já a palavra “subtrair”, a criança começa a ter contato desde cedo, na disciplina de matemática.

Estes contatos prévios faz com que os informantes percebam que há uma consoante não preenchida na escrita, embora haja um preenchimento vocálico durante a sua realização na fala.

Já nas demais palavras, houve, no 3º Ano, praticamente uma adesão geral ao fenômeno de epêntese vocálica. Vejamos o gráfico 4 para melhor entendimento do exposto acima:

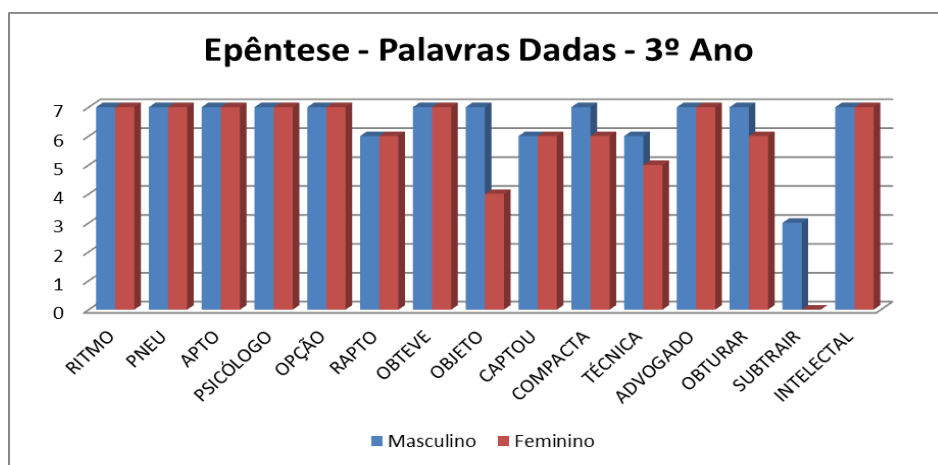


Gráfico 4 – Epênteses 3º Ano

A partir deste gráfico, é possível constatar que em “subtrair” o *sexo feminino* manteve o padrão escrito e em objeto, fez-se bem menos também.

Já com as demais palavras, devido ao desconhecimento destas, a epêntese foi bastante recorrente, tanto no *sexo masculino*, quanto no *sexo feminino*.

Passemos ao gráfico 5, no qual apresentamos as mesmas palavras de antes, agora coletadas no 5º Ano. É possível constatar que a maior escolaridade promove uma diminuição do processo variacionista aqui em estudo. Passemos a ele:

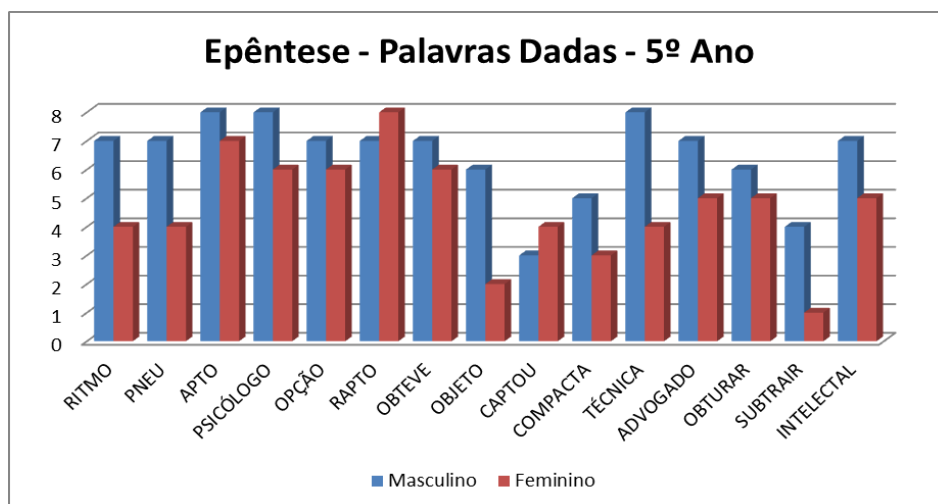


Gráfico 5 – Epênteses 5º Ano

Collischonn (2003, p. 22) confirma a influência da escrita na fala, visto que os sujeitos com maior grau de escolaridade apresentaram menor frequência para epêntese na fala.

No nosso estudo, ficou notório também o inverso, pois como nossos dados foram colhidos na forma escrita, houve um espelhamento na oralidade, principalmente para palavras menos usuais em que o padrão escrito das formas-alvo não é frequentemente tão disponível para todos.

A aprendizagem da escrita, como já foi comentada anteriormente, é processual. Havendo um embasamento fala/escrita no início da escolarização da criança, uma vez

que esta é induzida a aprender um sistema linguístico totalmente alfabético, e que cada letra escrita corresponde a um som falado. No entanto, a escrita como transcrição fonética, não é real ao se considerar a existência de uma normatização ortográfica e a arbitrariedade presente na representação gráfica das palavras (BRITO, 2007, p. 4).

Este espelhamento da epêntese da oralidade para a escrita, acentuado nas palavras menos usuais, é característico do processo aquisitivo da escrita, no qual as crianças integram os seguimentos-alvo ao seu sistema, evoluindo de unidades consideradas não marcadas, em direção ao que é estabelecido como marcado (REDMER, 2007, p. 7).

Esses dados sugerem que, com o aumento da escolaridade, os alunos tendem a compreender melhor as regras que regem a grafia da epêntese, ou ainda que, com o aumento da escolaridade, aumente-se o léxico dos estudantes, os quais, conseqüentemente, terão maior número de palavras consideradas usuais sob seu domínio.

Conclusão

A partir da análise dos dados, é possível observar que o Processo de Epêntese Vocálica realmente ocorre na escrita e a explicação é sua origem na oralidade. Além de poder perceber que os alunos de sexo masculino realizam mais este processo, bem como apontado em trabalhos realizados levando em consideração a oralidade. Quando comparados aos casos já descritos na literatura existente, este estudo mostrou consonância com esses estudos, uma vez que se espera uma maior usualidade da forma não padrão para indivíduos do *sexo masculino* e o inverso para o *sexo feminino*.

Confirmou-se também a outra hipótese levantada a de que com o aumento da escolaridade, a realização desta variação diminui consideravelmente, como foi mostrado nos gráficos 2, 4 e 5. Os resultados descritos na literatura também foram evidenciados, pois houve uma diminuição da ocorrência gráfica da epêntese vocálica proporcionalmente ao aumento do grau de escolaridade, sendo essa diminuição gradativa, conforme o aumento desse fator.

Podemos observar também que ao conhecer a palavra, ou seja, quando elas estão presentes no léxico das crianças, elas não mais variam, desta forma a epêntese se trona em um fenômeno oral apenas. Deve-se também levar em consideração, ao fim desta pesquisa que, em alguns casos, a ocorrência da epêntese vocálica é tão frequente para algumas palavras que, como foi afirmado por alguns autores, aqui mencionados, essa ocorrência chega a ser considerada categórica na fala.

Isto faz com que este alto índice de incidência para fala gere dúvidas quando ao uso ou não da vogal epentética na modalidade escrita. Comprovou-se este fato, durante a coleta de dados deste estudo; e principalmente a partir dos resultados obtidos, que demonstram alta incidência desse fenômeno fonético-fonológico, com ênfase ao se considerar os fatores extralinguísticos aqui observados.

Referências bibliográficas

- BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- CAGLIARI, L.C. *consoantes epentéticas em português*. DELTA. V. 14, 1998.
- _____. *Alfabetização e lingüística*. 10ª ed. São Paulo: Scipione, 2007.

COLLISCHONN, G. A Epêntese Vocálica no Português do Sul do Brasil. IN.: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. *Epêntese vocálica e restrições de acento no português do sul do Brasil*. Signum: Estud. Ling., Londrina, n. 7/1, p. 61-78, jun. 2004.

FÁVERO, L. L. *Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

HORA, da D. (org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: UFPB/BC, 2004.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: Atividades de retextualização*. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SCHWINDT, L. C. S.; QUADROS, E. S.; TOLEDO, E. E.; GONZALEZ, C. A. *A influência da variável escolaridade em fenômenos fonológicos variáveis: efeitos retroalimentares da escrita*. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Vol. 5, n.9, agosto de 2007.

SIMÕES, D. *Considerações sobre a fala e escrita: fonologia em nova chave*. São Paulo: Parábola, 2006.

SOARES, M. B. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2005.

STUBBS, M. A língua na educação. In: BAGNO, M.; STUBBS, M.; GAGNÉ, G. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola editorial, 2002.